Familias Endogâmicas do Vale do Acaraú

JOSÉ FERNANDO DA PONTE

No Ceará dos séculos dezoito e dezenove era acontecimento muito comum o casamento endogâmico entre as principais famílias, seja com o objetivo de preservar o prestígio e os interesses econômicos do clã ou, ainda, a pretensa pureza da linhagem familiar, a chamada "branquidade" de que faziam praça os grupos familiais dominantes, imbudos dos preconceitos de cor e casta que não toleravam a miscigenação de seus rebentos com pessoas estranhas cujas origens, por vezes, não eram bem conhecidas e poderiam, por isso, proceder de gente mestiçada ou de baixa origem.

Era esse um dos prejuizos decorrentes da estruturação da sociedade patriarcal e escravocata então vigente, considerando-se, ademais, que muitas das antigas e tradicionais famílias cearenses, notadamente as que povoaram, como pioneiras, o vale do Acaraú, provinham de boas cepas portuguesas e, por tal razão, procuravam evitar o cruzamento interracial, no que foram coadjuvadas pelo baixo índice de população negra na Província e pela quase total eliminação da população de origem nativa. Além disso, esses dois ramos da população de cor e os respectivos mestiços não tiveram oportunidade de ascenção social e econômica permanecendo, assim, circunscritos aos limites da denominada "classe baixa", segundo a terminologia regional, o que lhes não permitia misturar-se às "boas famílias", pelo casamento. Ocorreram, certamente, casos esparádicos de consorciamento de brancos com gente de cor, quer por conta da decadencia social e economica de elementos da raça dominante — para o que concorria o empobrecimento decorrente das frequentes crises climáticas — quer, ainda, em virtude da ascenção social de mestiços, filhos de senhores brancos abastados, principalmente de povoadores solteiros que, à falta de mulheres brancas, no início do povoamento, recorriam à união legal ou não com índias catequizadas. Ressalvadas tais exceções, as chamadas "boas famílias", ciosas de seu nome, procuravam manter o status social e a tradição familiar, conservando o hábito de casar as filhas com

os primos e aparentados ou, pelo menos, com os descendentes de famílias amigas e pertencentes ao mesmo nível social, sendo as uniões dos jovens, via de regra, previamente ajustadas entre os respectivos pais.

Assim vinha-se mantendo a sociedade familiar fechada do passado, até que as transformações sociais, políticas e econômicas surgidas no Brasil à partir do último quartel do século dezenove, e que atingiram o seu climax com a chegada, até nós, da nova mentalidade produzida pela maior difusão do ensino e da imprensa, das maiores facilidades de comunicação e transporte e da democratização das estruturas sociais decorrentes da Revolução Industrial e das idéias liberais, vieram quebrar velhas tabus, destruir tradições seculares e modificar hábitos arraigados, suprimindo a antiga concepção de casta social, que passou a ter um sentido predominantemente econômico. Essa transformação de costumes e a quebra dos antigos padrões morais que eram apanágio da sociedade provinciana, criaram um mais fácil nivelamento social, permitindo que indivíduos de origem humilde ou de moral duvidosa, mas credenciados por um razoável nível educacional e econômico tenham acesso, pela convivência ou pelo casamento, às altas camadas sociais que lhes eram proibidas em épocas passadas.

Feita esta ligeira introdução, procurarei demonstrar a veracidade da tese acima defendida, com algumas interligações parentais ocorridas entre tradicionais famílias do vale do Acaraú, das quais descendo, verificadas através de pesquisas genealógicas a que me dedico. Aliás, endogâmicas foram praticamente, em maior ou menor grau, todas as antigas famílias de nossos sertões, confinadas à vida rural em regiões onde as relações com o mundo exterior eram quase inexistentes, não havendo intercâmbio social, vez que os transportes disponíveis eram o cavalo de sela e o carro de bois.

Assim, o casamento entre parentes era a regra geral na região do baixo Acaraú, a partir de Sobral e Santana do Acaraú, minha terra natal, a que limitei estas pesquisas. Registra-se o fato entre descendentes de meus ancestrais Carrasco, Ferreira da Ponte, Xerez Uchoa, Monte, Ribeiro da Silva, Fonteles, Mendes de Vasconcelos, Souza Vasconcelos, Soares Bulcão, Menezes, Lourenço da Costa, muitos deles ligados aos Linhares, Rodrigues Lima, Frota, Araújo Costa, Ferreira da Costa, Figueira de Melo, Viriato de Medeiros, Saboia, Carneiro, Pereira Dutra, Ferreira Gomes, Brandão Rodrigues, Almeida, Albuquerque, Melo, Ximenes de Aragão, Gomes Parente, Lira, Holanda Cavalcanti, Madeira de Matos, Lopes Freire, Furtado de Mendonça, Aguiar, Rocha, Andrade, Paula Pessoa, Arruda, Prado, Coelho, Nogueira e outros mais que seria fastidioso citar. Essas sucessivas interligações de parentes, notada-

mente em certos grupos, tais como os Ferreira da Ponte, os Ribeiro da Silva em seus vários cruzamentos com os Ferreira Gomes e os Gomes Parente e os Frota formam uma trama emaranhada que requer tempo e paciência beneditina para deslindar.

1) Comecemos pelas ligações entre descendentes dos pernambucanos Manuel Vaz Carrasco, Gonçalo Ferreira da Ponte (o fundador da família Ferreira da Ponte) e José de Xerez Furna Uchoa, que foi capitão-mor na povoação da Caiçara, hoje Sobral.

Das oito filhas de Manuel Vaz Carrasco, uma das quais — Sebastiana de Sá e Oliveira — ficou solteira, cinco delas que, como a citada Sebastiana, nasceram da segunda esposa de Carrasco, casaram e ficaram morando na zona norte do Ceará que vai de Acaraú a Granja. Dentre elas:

Maria Madalena de Sá e Oliveira — casou com Francisco Ferreira da Ponte (filho das primeiras núpcias de Gonçalo);

Rosa de Sá e Oliveira — casou com José de Xerez Furna Uchoa.

Do casamento de Madalena e Francisco nasceu, entre outros, Vicente Ferreira da Ponte, que se tornou pai de outro Francisco Ferreira da Ponte (2.° do nome).

Da união de Rosa e José de Xerez nasceram vários filhos.

O viúvo Manuel José do Monte — fundador da família Monte, de Sobral — e filho das segundas núpcias de Gonçalo Ferreira da Ponte com Maria da Conceição Monte (dos Monte, de Icó), e seu filho, também viúvo, Antonio Manuel do Monte, ante a oposição do capitão-mor José de Xerez, raptaram combinados, à mesma noite, as filhas deste, Ana América de Jesus Uchoa e Francisca Xavier Uchoa e com elas casaram, respectivamente.

Do casal Ana América — Manuel do Monte nasceram, entre outros filhos:

José Ferreira da Costa — casou com Maria Quitéria, filha de Francisco Ferreira da Ponte (Neto), segundo desse nome (Tronco dos Sabino, de Santana);

Maria Bernardina do Monte — desposou Felipe Ribeiro da Silva, filho de Felix Ribeiro da Silva (português).

2) O português Manuel Ferreira Fonteles — que foi o primeiro branco a morar em território da antiga freguesia de Nossa Senhora Santana do Olho Dágua (atual Santana do Acaraú), casou em primeira núpcias com Maria Pereira Rocha, filha de Francisco Ferreira Brandão, de Recife. Tiveram vários filhos, entre eles:

a — Maria Ferreira Pinto — casou com o português Mateus Mendes de Vasconcelos;

b — Manuel Ferreira Fonteles Filho — desposou Ana, filha do português Quintiliano Dias Leitão, morador no Acaraú.

3) Mateus Mendes de Vasconcelos, já citado, capitão-mor da região de Santana do Acaraú, de sua união com Maria Ferreira Pinto, teve sete filhos, entre os quais:

a — Capitão-mor Manuel Francisco de Vasconcelos — desposou Maria Joaquina da Conceição Uchoa;

b — Antonio Mendes de Vasconcelos — casou em primeira núpcias com Ana Joaquina Ferreira Gomes, filha do português Domingos Ferreira Gomes e Maria Álvares Pereira (moradores em Sobral); — casou em segundas núpcias com Teodora Inácia de Menezes, que já era viúva de Antonio Soares Bulcão.

4) João Lins de Albuquerque e sua esposa Rosa Maria Ferreira tiveram as seguintes filhas:

a — Ana Teresa de Albuquerque — casou com o pernambucano Luiz de Souza Xerez, irmão de José de Xerez Furna Uchoa (meus 5.º avós maternos);

b — Francisca de Medeiros Albuquerque — desposou o pernambucano Cosmo Soares Bulcão (meus 5.º avós maternos);

c — Rosa de Santa Maria Lins — Foi a segunda esposa do português Gabriel Cristóvão de Menezes (meus 4.º avós maternos).

a — Ana Teresa e Luiz tiveram alguns filhos, entre os quais Maria Joaquina da Conceição Uchoa, que casou com Manuel Francisco de Vasconcelos, filho de Mateus Mendes, já citado;

b — Francisca e Cosmo foram os pais de Antônio Soares Bulcão;

c — Rosa e Gabriel foram os pais de Teodora Inácia de Menezes que casou em 1ªs núpcias com Antônio Soares Bulcão. Foram filhos do casal:

1 — Alexandre José Soares, pai de Manuel Policarpo Soares;

2 — José Pedro Soares, casado com Ana Luzia, neta de Antônio Mendes de Vasconcelos;

3 — Maria Inácia (ou Maria da Conceição?), casou com Antônio Ferreira Gomes, neto do mesmo Antônio Mendes.

Teodora Inácia, tendo enviuvado, convolou 2ªs núpcias com o viúvo Antônio Mendes de Vasconcelos, acima citado. Do consórcio nasceram vários filhos, entre eles Francisca das Chagas Mendes, que casou com o sobrinho Manuel Policarpo Soares, acima referido. (Foram estes meus bisavós maternos).

5) Francisco Ferreira da Ponte (Neto) — casou com Maria do Carmo Fonteles, filha de Manuel Ferreira Fonteles Filho, portanto, sobrinha da esposa de Mateus Mendes de Vasconcelos. Tiveram muitos filhos, entre os quais:

a — Constança Maria do Carmo, desposou Diogo José de Souza Vasconcelos (meus trisavós maternos). Ele, filho de Manuel Francisco de Vasconcelos, já referido;

b — Maria Quitéria, casou com José Ferreira da Costa, já citado, filho de Manuel José do Monte. (Meus trisavós maternos);

c — Manuel Francisco da Ponte, casou em 1ªs núpcias com Teresa Carolina, filha de Felipe Ribeiro da Silva e Maria Bernardina do Monte; portanto, era sobrinha de José Ferreira da Costa, do ítem **b**, acima. Manuel Francisco casou em 2ªs núpcias com sua sobrinha Francisca Etelvina de Souza, filha de sua irmã Constança Maria do Carmo e Diogo José de Souza. (Manuel e Teresa, meus bisavós paternos);

d — Vicente Ferreira da Ponte (Neto) — 2.º desse nome, casou com Ana Florência Ribeiro da Silva, irmã de Teresa Carolina, primeira esposa de seu irmão Manuel Francisco. Assim, os filhos dos dois casais eram primos co-irmãos. (Vicente e Ana foram bisavós paternos de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral). Por sua vez, Constança e Diogo (do ítem **a**) foram bisavós maternos de Dom José.

NOTA: — Diogo foi também irmão de Ana Joaquina de Jesus Vasconcelos Uchoa, casada com Inácio Gomes da Frota, pais de Isabel Genuina da Frota, primeira esposa de Francisco Ferreira da Ponte e Silva, este, filho de Vicente e Ana Florência, do ítem **d**.

Citamos abaixo alguns filhos de Diogo José de Souza Vasconcelos e Constância, que, a exemplo da irmã Francisca Etelvina, realizaram casamentos consanguíneos:

1 — Francisco Anastácio de Souza (1.º desse nome) — Casou em 1ªs núpcias com sua prima em 1.º grau Umbelina da Costa, filha de Maria Quitéria e José Ferreira da Costa. (Foram meus bisavós maternos);

2 — Ana do Carmo Florinda de Souza — Desposou o primo em 1.º grau Alexandre de Maria Frota Vasconcelos, filho de Inácio Gomes da Frota e Maria Joaquina (Vide nota);

3 — Vicente Severiano de Vasconcelos — Casou em 1ªs núpcias com sua prima em 1.º grau Constança Cândida, também filha de Inácio e Maria Joaquina;

4 — Teresa Guilhermina — Foi esposa de José de Holanda Cavalcanti, filho de Arnaut de Holanda Cavalcanti e Joaquina Ferreira da Costa, esta, filha de Maria Quitéria e José Ferreira da Costa.

Pelas citações feitas, observam-se as seguintes peculiaridades:

a) José de Xerez Furna Uchoa, meu 5.º avô materno e paterno, era irmão de outro meu 5.º avó materno, Luiz de Souza Xerez, também conhecido por Luiz de Souza Uchoa;

b) Manuel José do Monte, meu tetravô materno e paterno, era irmão paterno de meu 5.º avô paterno Francisco Ferreira da Ponte (1.º desse nome);

c) Maria Quitéria e Constança Maria do Carmo, minhas trisavós maternas, eram irmãs de Manuel Francisco da Ponte, meu bisavô paterno;

d) Manuel Francisco de Vasconcelos e seu irmão Antonio Mendes de Vasconcelos, eram, respectivamente, meu tetravô e meu trisavô materno;

e) Teodora Inácia de Menezes foi, respectivamente, minha trisavó e bisavó materna, em consequência de seus dois casamentos.

NOTA: — Ana do Carmo e Alexandre (ítem 2) foram avós maternos do Príncipe dos poetas cearenses, Pe. Antonio Tomaz.